

MATEMÁTICA

Quem conhece minha vida profissional e sabe que escrevo crônicas semanais, há de pensar que não me dou bem com números, que não sou bom em Matemática, enfim, que esse campo nunca foi de meu agrado. Ledo engano. Sempre colecionei, no curso ginásial, notas altas em Matemática e até dei aulas de recuperação a alunos que se enroscavam nos números uma vez que, se não conseguissem média nos exames de segunda época, arriscavam-se a perder todo o ano letivo. Recordo-me de um problema de Matemática que só eu, até onde sei, consegui resolver, cujo enunciado, embora passados tantos anos, ainda consigo repetir de cor. Não vou reproduzi-lo aqui porque já o transcrevi em outra crônica. Enfim, os números não me causam dificuldade alguma.

Mas não fui, devo reconhecer, como aquele garoto de doze anos que foi aprovado, em vestibular da Universidade do Rio de Janeiro, uma das mais prestigiadas do país, justamente em Matemática, feito que muito marmanjo precisa lutar bastante para conseguir.

Desde muito cedo Bernardo, esse o seu nome, foi identificado como possuidor de muitas habilidades, ou seja, um superdotado. Com dois ou três anos, por exemplo, já percebia que a numeração das residências crescia ou decrescia conforme o sentido em que os números fossem lidos. “Passamos a entender que ele tem uma maneira de entender o mundo que é um pouco fora da curva, aprende algumas algumas coisas com mais rapidez”, enfatiza a mãe, muito orgulhosa do filho.

Em minha experiência de magistério, sempre notei que alguns alunos já apresentam naturalmente pendor para Matemática, enquanto outros têm verdadeira ojeriza por

algarismos. A simples expectativa de terem que enfrentar uma questão de Matemática já lhes causa calafrios.

Inúmeras vezes perguntei-me qual seria a razão desse verdadeiro medo dos números, que os faz fugir deles como o diabo da cruz. Alguma experiência negativa nos primeiros anos de vida? Influência, mesmo inconsciente, de progenitores que também não gostam de Matemática? Ou de algum professor de primeiras letras igualmente avesso a números?

Não me esqueço de que, em minhas aulas particulares de recuperação em Matemática, consegui fazer com que muitos alunos passassem, se não a gostar, pelo menos a não se intimidar com eles. Consegui isso mostrando-lhes que tudo depende de dominar as ferramentas básicas para lidar com números. Depois, é só não sair do “trilho” dessas ferramentas para se chegar à solução desejada.

O mencionado Bernardo, contudo, parece já ter nascido com esse pendor para Matemática. São geralmente as religiões que procuram explicar esse fato, mas quase todas colocam-no como uma questão de fé, que nem sempre encontra respaldo na razão.

A explicação mais racional para essa questão é a que Erasmo não se cansa de repetir, sempre que com ele dialogo. “Meu amigo Viganó, as crianças precoces nas diversas áreas do conhecimento, ou seja, nas ciências, na literatura, na música ou na pintura, invariavelmente trazem essas habilidades de vidas anteriores. O Criador não seria justo se dotasse algumas delas com essas habilidades e outras não”. Não posso deixar de reconhecer que a explicação dele tem lógica. Só não acredita nela o Leopoldo, que dúvida de tudo que não esteja objetivamente provado pela ciência. Mas, pergunto, acaso as realidades do espírito não têm outros meios de prova que não os das ciências objetivas?

Viganó
darly.vigano@gmail.com